



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

**MARINA SILVA EM CAPAS DE REVISTA:
UM ESTUDO DE ENUNCIADOS CONCRETOS**

ALANA DE FIGUEIRÊDO PEREIRA

CAMPINA GRANDE – PB

2014

**MARINA SILVA EM CAPAS DE REVISTA:
UM ESTUDO DE ENUNCIADOS CONCRETOS**

ALANA DE FIGUEIRÊDO PEREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Coordenação do Curso de Letras –
Língua Portuguesa – da Universidade Estadual da
Paraíba, como pré-requisito para obtenção do título
de Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Ms. Manassés Morais Xavier

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P436m Pereira, Alana de Figueiredo.
Marina Silva em capas de revistas [manuscrito] : um estudo de enunciados concretos / Alana de Figueiredo Pereira. - 2014.
19 p. : il.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Prof. Me. Manassés Morais Xavier,
Departamento de Letras e Artes".

1. Dialogismo. 2 Enunciado concreto. 3 Capa de revista. I.
Título.

21. ed. CDD 401.41

**MARINA SILVA EM CAPAS DE REVISTA:
UM ESTUDO DE ENUNCIADOS CONCRETOS**

ALANA DE FIGUEIRÊDO PEREIRA

BANCA EXAMINADORA

Manassés Morais Xavier NOTA: 8,5
Prof. Ms. Manassés Morais Xavier (UFCG)
Orientador

Cléa Gurjão Carneiro NOTA: 10,0
Prof. Ms. Cléa Gurjão Carneiro (UEPB)
Examinadora

João Paulo dos Santos de Andrade NOTA: 7,0
Prof. Ms. João Paulo dos Santos de Andrade (UEPB)
Examinador

Trabalho aprovado em: 17 de novembro de 2014

Média: 8,5

CAMPINA GRANDE – PB

2014

MARINA SILVA EM CAPAS DE REVISTA: UM ESTUDO DE ENUNCIADOS CONCRETOS

PEREIRA, Alana de Figueirêdo¹

RESUMO

Consideramos o período eleitoral no Brasil, em 2014, um evento social que gerou a produção de uma série de gêneros discursivos, dentre eles os da mídia impressa, sobretudo das revistas, por exemplo, as capas de revistas, objeto de discussão desse trabalho. Sob esta ótica, tendo a imagem da candidata à Presidência da República em 2014, Marina Silva, pretendemos delinear uma análise discursiva das capas das revistas VEJA (Editora Abril, Edição 2388- ano 47, nº35, de 27 de agosto de 2014), ISTO É (Editora TRÊS, Edição 2335, de 27 de agosto de 2014), VEJA (Editora Abril, Edição 2389- ano 47, nº36, de 03 de setembro de 2014) e VEJA (Editora Abril, Edição 2391- ano 47, nº38, de 17 de setembro de 2014), visando apresentar imagens, textos escritos (cores e fontes) e seleção de palavras utilizadas que caracterizam estas capas de revistas como configuradoras de discursos dialogicamente situados, visto que o texto verbal não é o único elemento que produz sentidos, pois nas capas de revistas encontramos, além de texto escrito (cores e fontes), as imagens, elementos visuais e o contexto sociocultural que circulam ideologias político-partidárias que convocam sentidos sobre a filiação dos veículos de comunicação em análise. Em se tratando de fundamentação teórica, tivemos contribuições de referências como Bakhtin (2010), Brait (2012), Dionisio (2004), Voloshinov (1976), Tezza (2003), dentre outras. Sobre os resultados destacamos que as capas de revistas analisadas se tornam enunciados concretos por se situarem historicamente e por, concretamente, convocarem sentidos que possibilitam a compreensão dialógica dos posicionamentos ideológicos dos veículos de comunicação impressa aqui apresentados: Veja – pró Marina Silva – e Isto É – contra Marina Silva.

Palavras-chave: Dialogismo. Enunciado concreto. Capa de revista.

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, tendo a imagem da candidata à Presidência da República em 2014, Marina Silva, pretendemos delinear uma análise discursiva das capas das revistas VEJA (Editora Abril, Edição 2388- ano 47, nº35, de 27 de agosto de 2014), ISTO É (Editora TRÊS, Edição 2335, de 27 de agosto de 2014), VEJA (Editora Abril, Edição 2389- ano 47, nº36, de 03 de setembro de 2014) e VEJA (Editora Abril, Edição 2391- ano 47, nº38, de 17 de setembro de 2014), visando apresentar imagens, textos escritos (cores e fontes) e seleção de

¹ Graduanda em Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa – pela Universidade Estadual da Paraíba.
E-mail: alanadefigueiredo@gmail.com

palavras utilizadas que caracterizam estas capas de revistas como configuradoras de discursos dialogicamente situados, visto que o texto verbal não é o único elemento que produz sentidos, pois nas capas de revistas encontramos, além de texto escrito (cores e fontes), as imagens, elementos visuais e o contexto sociocultural que circulam ideologias político-partidárias que convocam sentidos sobre a filiação dos veículos de comunicação em análise.

As capas de revistas analisadas apresentam posicionamentos para atender o público leitor e eleitor. As revistas contêm a imagem dos candidatos a presidência da república do Brasil na capa, abordando posicionamentos a favor ou contra os então candidatos. Assuntos estes de grande procura pelos eleitores, pois todas foram publicadas durante o período eleitoral.

Para o desenvolvimento desta pesquisa nos embasamos na Análise Dialógica do Discurso, de Bakhtin e o Círculo. Portanto, serão analisadas as capas de revistas considerando antes uma reflexão sobre as noções de multimodalidade, dialogismo, enunciado concreto, ideologia e gêneros discursivos, concebendo a Análise do Discurso com a linguagem em sua pluralidade, seus efeitos de sentido, suas correlações, observando seu funcionamento, procurando estabelecer os recursos que são os produtores de sentido e compreender quais são os efeitos de sentido que se podem produzir no leitor por meio do texto midiático.

2 UMA ABORDAGEM MULTIMODAL

Com o avanço tecnológico os textos passaram por transformações nas formas de leitura e circulação dos mesmos, assim enfatiza à exploração das imagens, fotos, gráficos aliados a recursos de impressão, como cor, página, formato das letras, principalmente com a exploração da imagem, sendo a multimodalidade responsável pelo novo olhar analítico. Entretanto há pouco tempo, os modos de representação do texto verbal e não verbal eram vistos de forma separadas. Para Dionisio (2005, p. 160-161), a multimodalidade surge quando há a utilização de “no mínimo dois modos de representação: palavra e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipográficas, palavras e sorrisos, palavras e animações, etc.”. Nesses termos, todo texto é multimodal, visto que é construído por mais de um modo de representação.

De acordo com Dionisio (2005, p. 159), “imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada”, onde é necessário considerar além da língua escrita, todos os aspectos semióticos necessários para se chegar a compreensão de um texto multimodal, pois eles se complementam. Segundo Mozdzenski (2008, p. 21-22),

A necessidade desse novo olhar sobre o texto é premente, sobretudo se for observada a variada produção textual veiculada pelos meios de comunicação de massa. Nos jornais impressos e revistas, por exemplo, é possível notar a constante interação entre escrita e um grande número de modos semióticos, exercendo uma função retórica na construção de sentidos.

No processamento textual das informações só é possível dar a leitura integrada com o texto verbal e do material visual. Caso contrário, a leitura fragmentada, parcial poderá afetar significativamente a compreensão da unidade global do texto. Além de que, os sentidos ao ser produzidos pelas inúmeras semioses que compõem o texto multimodal são dependentes entre si, porque nas produções multimodais são ampliadas as possibilidades de construção de sentido.

3 DIALOGISMO

De acordo com Cardoso (1999), o dialogismo é um elemento constitutivo da própria linguagem, dado que toda prática de linguagem tem como referência o outro, um interlocutor, bem como é a capacidade de discorrer com o que já foi dito e o que poderá ser dito.

Quando falamos ou escrevemos é para um interlocutor, seja real ou virtual, ausente ou presente, assim como o locutor, situado historicamente, levando em conta indivíduos que interagem.

Acrescentam Xavier e Francelino (2014) que para a Análise Dialógica do Discurso, doravante *ADD*, a sua preocupação não está voltada, apenas, no que o texto diz, mas, sobretudo, na interrelação entre o que e o como o texto diz. É sob esta ótica que para os estudos da *ADD* o que produz significado ou abastece a vida concreta da palavra não é o seu conceito dicionarizado, mas o tempo e o espaço entre seres organizados socialmente num cronotopo real e vivo, conforme Bakhtin (2010).

Tezza (2003) esclarece bem esta questão:

quando alguém nos diz algo, não prestamos atenção no significado reiterável das palavras, aquilo que está nos dicionários; ao contrário, estamos atentos sempre ao que é novo no que está sendo dito; a cada momento só nos interessa o que é novo – cada sinal que ouvimos detona em nós não uma recepção passiva, mas uma resposta ativa, e é nesse território

inescapavelmente valorativo que a linguagem e nós vivemos. (TEZZA, 2003, p. 32-33)

Para Bakhtin (2010, p. 272), toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória para a resposta: “todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau (...) Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”. E afirma mais:

não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos *do passado*, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo do desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. (BAKHTIN, 2010, p. 410, itálico do autor)

Desse modo, o conceito de dialogismo é vinculado ao de interação. É assim que se constitui a base do processo de produção dos discursos, entendidos como redes de relações dialógicas estabelecidas e assumidas por um indivíduo e expressas pela linguagem por meio de um ponto de vista: condição necessária para se construir sentidos sobre enunciados concretos – posicionamento teórico-metodológico da *ADD*, segundo Brait (2012).

4 ENUNCIADO CONCRETO

Conforme Xavier e Francelino (2014), é notório que toda expressão linguística é sempre orientada em direção ao outro, em direção ao interlocutor. Assim, para se compreender o enunciado é preciso entender a sua orientação social. Voloshinov (1976) menciona que a verdadeira essência da linguagem é o evento social da interação verbal que se concretiza em um ou em vários enunciados. Desta forma, toda e qualquer situação comunicativa possui um auditório que admite uma organização bem definida.

“A orientação social é precisamente uma das forças vivas e constitutivas que, ao mesmo tempo em que organizam o contexto do enunciado – a situação –, determinam também a sua forma estilística e sua estrutura estritamente gramatical” (VOLOSHINOV, 1976, p. 08).

A partir dessa concepção, todo enunciado real possui um sentido e as palavras assumem inúmeras significações em função do sentido do enunciado que, por sua vez, é concreto. É por isto que o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009, p. 109).

Na discussão de Bakhtin (2010), verificamos que o enunciado é entendido como uma unidade da comunicação discursiva. Para o autor, é preciso diferenciar a palavra da língua do enunciado concreto. A palavra da língua, segundo os escritos de Bakhtin, é desprovida de emoção, de juízo de valor. Já o enunciado concreto é dotado de elemento expressivo, isto é,

a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado. Nos diferentes campos da comunicação discursiva, o elemento expressivo tem significado vário e grau vário de força, mas ele existe em toda parte: um enunciado absolutamente neutro é impossível. (BAKHTIN, 2010, p. 289)

As principais características do enunciado, de acordo com o autor, são: tem contato direto com a realidade, assim como relação com outros enunciados; propicia uma atitude responsiva por parte do *outro* e é delimitado pela alternância dos seres sociais no discurso. Segundo Bakhtin (2010), o enunciado é pleno de *tonalidades dialógicas*, isto é, todo enunciado está em constante diálogo com outros enunciados; tanto com os que o antecedem quanto com os que o sucedem, numa corrente complexa e organizada de outros enunciados. Utilizamo-nos das palavras do próprio autor: Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo (BAKHTIN, 2010). Sendo assim, a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social.

5 IDEOLOGIA

Miotello (2012, p. 169) menciona que em Voloshinov, intelectual pertencente ao Círculo de Bakhtin, no texto “Que é linguagem”, escrito em 1930, encontramos a única

definição de ideologia, dada por alguém do Círculo de Bakhtin em forma direta e explícita: “por ideologia entendemos todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras [...] ou outras formas sígnicas”.

Volochínov (2009) conceitua a ideologia oficial relativamente dominante, procurando implantar uma concepção única de produção de mundo. A ideologia do cotidiano é considerada como a que brota e é construída nos encontros casuais e fortuitos, no lugar do nascedouro dos sistemas de referência, na proximidade social com as condições de produção e reprodução da vida.

6 GÊNEROS DISCURSIVOS E AS CAPAS DE REVISTAS

Os estudos sobre gêneros estão em evidência. Atualmente, não vinculamos mais a noção de gênero apenas a literatura: “hoje, gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias”, conforme Swales (*apud* MARCUSCHI, 2008, p. 147).

Para Marcuschi (2008), os gêneros são fenômenos históricos, relacionados à vida cultural e social, portanto, são entidades sócio-discursivas e formas de ação social em qualquer situação comunicativa, contribuindo para ordenar as atividades comunicativas.

Nesse trabalho concebemos as capas de revistas como um gênero discursivo, historicamente situado. Elas circulam promovendo famosos, vendendo tendências divulgando opiniões e ideologias, por ser geralmente objetivas, possuem uma organização verbal e visual, visando despertar o leitor através dos seus enunciados. Logo, os gêneros estão interligados ao modo como as pessoas usam a língua e organizam suas atividades, operando assim na sociedade e na cultura.

Os discursos produzidos pelo não verbal criam possibilidades de nomeação dos elementos visuais como operadores do discurso. Portanto, “um texto publicitário é fundamentalmente imagem e palavra. Nele, até o verbo se faz imagem” (MAINGUENEAU, 1989, p. 12). Além dos efeitos de sentidos que se podem produzir no leitor por meio do texto multimodal.

De acordo com Bakhtin (2010), todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua.

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.

7 MARINA SILVA: PERFIL²

7.1 Primeiros anos

Maria Osmarina Marina Silva Vaz de Lima nasceu em 08 de fevereiro de 1958 em uma pequena comunidade chamada Colocação Breu Velho, no Seringal Bagaço, no Acre. Seus pais, nordestinos, tiveram 11 filhos, dos quais três morreram. A mãe morreu quando tinha apenas 15 anos. A vida no seringal era difícil. “Eu acordava sempre às 4h da manhã, cortava uns gravetos, acendia o fogo, fazia o café e uma salada de banana perriá com ovo. Esse era o nosso café da manhã”, conta. Depois, junto com as seis irmãs e o único irmão, fazia o corte nas seringueiras e colocava as tigelinhas. No final da tarde, retirava a recompensa, o látex.

Na adolescência, Marina sonhava em ser freira. “Minha avó dizia: ‘Minha filha, freira não pode ser analfabeta’”, lembra. O desejo de aprender a ler passou então a acompanhá-la. Aos 16 anos, contraiu hepatite, a primeira das três que foi acometida. Seu histórico de saúde ainda inclui cinco malárias e uma leishmaniose. Foi então a Rio Branco em busca de tratamento médico. Com a permissão do pai, aproveitou a oportunidade para também se dedicar à vida religiosa e, ao mesmo tempo, estudar. Na capital acriana, para se sustentar, passou a trabalhar como empregada doméstica. O progresso nos estudos foi rápido. Entre o período de Mobral, no qual aprendeu a ler e a escrever, até a graduação em licenciatura em

² Este tópico foi escrito tendo como base as informações contidas no *site* <http://marinasilva.org.br/biografia/>
Acesso em 02/10/2014.

História (Universidade Federal do Acre) transcorreram apenas dez anos. Sua formação foi complementada posteriormente com as pós-graduações em Teoria Psicanalítica (Universidade de Brasília) e em Psicopedagogia (Universidade Católica de Brasília). A vocação social se revelou quando deixava a adolescência e ainda vivia no convento das Servas de Maria Reparadoras.

A vida de Marina havia mudado de rumo. Abandonou o sonho de se tornar freira para se dedicar integralmente à luta social. Cada vez mais próxima de Chico Mendes, participou dos chamados “empates”, tática de resistência contra o desmatamento do qual participavam os seringueiros, suas mulheres, seus filhos, todos os que viviam nos seringais. De mãos dadas, eles faziam uma corrente que impedia a destruição da floresta. Em 1984, Marina Silva ajudou a fundar a CUT (Central Única dos Trabalhadores) no Acre. O líder seringueiro foi o primeiro coordenador da entidade e Marina, a vice-coordenadora. A convivência entre os dois duraria mais quatro anos, até Chico Mendes ser assassinado. Filiada ao PT, Marina disputou seu primeiro cargo público em 1986, ao concorrer a uma vaga na Câmara dos Deputados. Ficou entre os cinco mais votados, mas o partido não atingiu o quociente eleitoral mínimo exigido.

Os sucessos eleitorais de Marina começaram dois anos depois, ao se eleger vereadora, a mais votada de Rio Branco. Uma de suas primeiras manifestações foi devolver o dinheiro de gratificações, auxílio-moradia e outras mordomias que os demais vereadores recebiam sem questionamento. Com atos como esse, atraiu a ira dos adversários políticos ao mesmo tempo em que obtinha um reconhecimento popular que se manifestou na eleição seguinte, em 1990, quando se tornou deputada estadual, novamente com votação recorde. Em 1994, aos 36 anos, chegou a Brasília como a senadora mais jovem da história da República. Foi reeleita em 2002, com votação quase três vezes superior à anterior.

No Senado, foi a primeira voz a defender a importância de o governo assumir metas para redução das emissões de gases do efeito estufa. Em 2009, o Planalto anunciou, finalmente, a adoção dessas metas. Também cobrou do Executivo federal e do Congresso a inclusão da meta brasileira, com os percentuais para a redução das emissões de gases do efeito estufa até 2020, no Plano Nacional de Mudanças Climáticas, que seria aprovado e sancionado pelo presidente antes da realização da Conferência de Clima (COP15), em dezembro de 2009, em Copenhague.

7.2 Candidatura à Presidência

Em 19 de agosto de 2009, deixou o PT. Em comunicado ao partido, manifestou seu desacordo com uma “concepção do desenvolvimento centrada no crescimento material a qualquer custo, com ganhos exacerbados para poucos e resultados perversos para a maioria, ao custo, principalmente para os mais pobres, da destruição de recursos naturais e da qualidade de vida”. Onze dias depois, anunciou sua filiação ao Partido Verde (PV). Em 2010, Marina Silva disputou a Presidência da República pelo PV, chapa que contava com o empresário Guilherme Leal como candidato a vice. O objetivo de sua candidatura era promover um acordo social no Brasil que integrasse avanços dos governos passados e apontasse para uma economia de baixo carbono.

A candidata se comprometia a manter as conquistas dos governos Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva, entre elas a estabilização econômica e a redução da pobreza, e prometia governar junto com os “núcleos vivos” da sociedade em defesa do desenvolvimento sustentável. Entre suas propostas estavam os programas sociais de terceira geração. Segundo essa diretriz, uma rede de agentes de desenvolvimento familiar teria a responsabilidade de levar programas sociais às famílias mais pobres e dar apoio a suas escolhas, o que facilitaria a inclusão produtiva desses brasileiros na sociedade.

Marina sabia das dificuldades de sua candidatura. Entre elas o fato de contar com apenas 1 minuto e 23 segundos na propaganda eleitoral gratuita na televisão, muito menos do que seus principais adversários. Para superar essa limitação, decidiu privilegiar a internet e as redes sociais, uma estratégia inédita no Brasil. A decisão foi fundamental para a divulgação de suas propostas e a conquista de 19,6 milhões de votos, quase 20% dos votos válidos. Foi o melhor desempenho de um terceiro colocado desde a redemocratização do país.

7.3 A morte de Eduardo

Eduardo e Marina se dedicam nas semanas seguintes a apresentar aos brasileiros as propostas da coligação para a criação de um Brasil mais justo, próspero e sustentável. Até que, em 13 de agosto, ocorre a tragédia que comove o Brasil. O Cessna que conduzia Eduardo Campos para um evento da campanha cai na cidade de Santos (SP). Morrem o candidato a presidente da República e seus assessores Pedro Valadares, Carlos Percol, Alexandre Severo Gomes da Silva e Marcelo Lyra, além dos pilotos Geraldo da Cunha e Marcos Martins. Os brasileiros choram e repetem a frase de Eduardo: “Não vamos desistir do Brasil”.

Em 20 de agosto, a Executiva Nacional do PSB confirma Marina Silva como candidata à Presidência da República pela Coligação Unidos pelo Brasil. O candidato a vice-

presidente é o deputado federal Beto Albuquerque (PSB-RS). “Vamos levar adiante nossa missão. Devemos isso a Eduardo e ao povo brasileiro”, afirma a ex-senadora durante discurso para as lideranças do PSB.

8 AS CAPAS DAS REVISTAS EM ANÁLISE

Além de analisarmos as imagens, pretendemos analisar, embora que brevemente e timidamente, o dialogismo apresentado nas capas, entendendo-as como enunciados concretos. Apresentamos a CAPA 1.



CAPA 1-Capa da revista VEJA agosto de 2014

Após a morte Eduardo Campos ocorrida em 13-08-2014, do então candidato a presidência pelo PSD, gerou uma enorme dúvida no partido, que nome representaria o PSD a nível nacional. Após passados alguns dias a candidata a vice-presidente até então foi indicada para ser a candidata, durante as especulações da mídia, enquanto Marina Silva não tinha sido indicada, a revista VEJA lançou na Capa, publicada em 27 de agosto, Marina com um olhar de esperança, semblante de tranquilidade para possível indicação do partido (CAPA 1).

Conforme o avanço tecnológico os textos passaram por transformações nas formas de leitura e circulação dos mesmos, assim enfatiza à exploração das imagens, fotos, gráficos aliados a recursos de impressão, como cor, página, formato das letras, principalmente com a exploração da imagem, sendo a multimodalidade responsável pelo novo olhar analítico. Entretanto, há pouco tempo, os modos de representação do texto verbal e não verbal eram vistos de forma separadas. Na CAPA 1 são convocados sentidos, multimodais e dialógicos por natureza, que demonstram pelo discurso da capa um compreensão da imagem de Marina Silva como serena, limpa e, portanto, constituindo-se como uma alternativa positiva para o PSD.

Na visão de Dionisio (2004, p. 160-161), a multimodalidade surge quando há a utilização de “no mínimo dois modos de representação: palavra e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipográficas, palavras e sorrisos, palavras e animações, etc.”. Nesses termos, todo texto é multimodal, visto que é construído por mais de um modo de representação, assim a expressão facial da então candidata remete uma representação não verbal. A seguir apresentamos a CAPA 2.



CAPA 2-Capa da revista ISTOÉ agosto de 2014

Contrariamente a capa anterior, a revista ISTOÉ lança na capa publicada em 27 de agosto: As Contradições de Marina, a mesma com semblante tenso, fundo da imagem sombrio, nomeada pela revista como esfinge política, onde acrescentaram que a mesma já provocou baixas em sua própria base de apoio (CAPA 2). De acordo com Dionisio (2004, p. 159), “imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada”, onde é necessário considerar além da língua escrita, todos os aspectos semióticos necessários para se chegar a compreensão de um texto multimodal, pois eles se complementam. Segundo Mozdzenski (2008, p. 21-22).

Segue a CAPA 3.



CAPA 3-Capa da revista VEJA setembro de 2014

Esta capa, publicada em 03 de setembro, focou após pesquisa de IBOP Marina Silva na largada, sendo puxada pelos outros candidatos a presidência, Dilma e Aécio, ambos se esforçando para detê-la, porém, a mesma no momento estava sendo o fenômeno eleitoral que disparou na frente dos demais. A ideologia da revista, onde passa para o leitor seu posicionamento, ou seja, o apoio a Marina. A necessidade desse novo olhar sobre o texto é premente, sobretudo se for observada a variada produção textual veiculada pelos meios de comunicação de massa. Nos jornais impressos e revistas, por exemplo, é possível notar a constante interação entre escrita e um grande número de modos semióticos, exercendo uma função retórica na construção de sentidos dialogicamente situados.

Finalizando a análise apresentamos a CAPA 4.



CAPA 4-Capa da revista VEJA setembro de 2014

A CAPA 4, publicada em 17 de setembro, focou após debate Marina Silva sendo atacada pelo à remeço de setas, faca, serpente e etc., imagem ilustrada através de uma boca aberta e todos esses objetos saindo para detê-la mais uma vez, no entanto a mesma no momento estava muito forte, com uma aspecto de firmeza, onde não se abala pela ofensas dos adversários. A ideologia da revista discursiviza para o leitor seu posicionamento, ou seja, o

apoio a Marina mais uma vez. No processamento textual das informações só é possível compreender a leitura integrada com o texto verbal e do material visual. Caso contrário, a leitura torna-se fragmentada, parcial, podendo afetar significativamente a compreensão da unidade global do texto. Além de que, os sentidos ao ser produzidos pelas inúmeras semioses que compõem o texto multimodal são dependentes entre si, porque nas produções multimodais são ampliadas as possibilidades de construção de sentido, o que reforça o seu caráter dialógico e concreto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As palavras, as cores utilizadas nas capas das revistas são fundamentais: “... *se é ela apenas uma miragem ou uma opção política de verdade*” (CAPA 1), “*As contradições de Marina*” (CAPA 2), “*Como Dilma e Aécio tentam parar Marina*” (CAPA 3) e “*A fúria contra Marina*” (CAPA 4). Estas palavras, de fato, se tornam enunciados concretos por se situarem historicamente e por, concretamente, convocarem sentidos que possibilitam a compreensão dialógica dos posicionamentos ideológicos dos veículos de comunicação impressa aqui apresentados: *Veja – pró Marina Silva – e Isto É – contra Marina Silva*.

No texto multimodal, o uso de cores, imagens, expressões, produz efeitos, pois se refere à representação no mundo. É notória a intencionalidade do autor em atingir as expectativas do leitor, bem como seus discursos que não são neutros, nem inéditos.

Todo signo que está na capa de revista foi intencionalmente colocado a fim de transparecer uma ideia ou de conduzir a uma determinada leitura do fato tratado. As imagens... devem ser encaradas como objeto da linguagem. Ao encará-las como um discurso da atualidade, reconhecemo-las como um produto cultural, o que não é neutro, mas dotado de sentidos (MAGALHÃES, 2003, p.79).

Recomendamos a análise dialógica do discurso nas capas de revistas *Veja* e *Isto É*, visando construir posicionamento crítico, que pode ser oposto a ideologia que a mídia impõe, bem como criar oportunidades de trabalhar a capacidade comunicativa, de produção textual e inferência que cada leitor possui.

ABSTRACT

We consider the election period in Brazil, in 2014, a social event that generated the production of a number of genres, including the print media, especially magazines, for example, the magazine covers, the subject of this work. From this perspective, having the

image of a candidate for president in 2014, Marina Silva, intend to outline a discourse analysis of magazine covers SEE (Editora Abril, Issue year 2388- 47, nº35, of August 27, 2014), IT It (THREE Publisher, Edition 2335 of August 27, 2014), SEE (Editora Abril, Issue year 2389- 47, nº36, from September 3, 2014) and SEE (Editora Abril, Issue year 2391- 47, nº 38, of September 17, 2014), to display images, texts written (colors and fonts) and selection of words used to characterize these magazine covers as configuradoras speeches dialogically situated, as the verbal text is not the only element that makes sense because the covers of magazines found in addition to written text (colors and fonts), images, visuals and the sociocultural context that circulate partisan political ideologies that summon senses about the affiliation of the media in question. In terms of theoretical foundation, we had contributions of references to Bakhtin (2010), Brait (2012), Dionisio (2004), Voloshinov (1976), Tezza (2003), among others. On the results highlight that the covers of magazines analyzed become concrete statements because they are located historically and concretely convene senses that enable dialogic understanding of the ideological positions of printed communication vehicles presented here: See - Pro Marina Silva - and It Is - against Marina Silva.

Keywords: Dialogism. Concrete statement. Magazine cover.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 13. ed. São Paulo: HUCITEC, 2009.

BRAIT, B. Construção coletiva da perspectiva dialógica: história e alcance teórico-metodológico. In: FIGARO, R. (Org.). *Comunicação e Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 79-98.

CARDOSO, S. H. B. *Discurso e ensino*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

DIONISIO, A. P. *Multimodalidade discursiva: orquestrando palavras e imagens*. Mimeo. UFPE, 2004.

MAINGUENEAU, D. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas - São Paulo: Pontes & Editora da Unicamp, 1989.

MAGALHÃES, F. L. J. *Veja, Isto é, leia: produção e disputas de sentido na mídia*. Teresina, Piauí: Edufpi, 2003.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (Org). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 167 -176.

MOZDZENSKI, L. *Multimodalidade e gênero textual: analisando criticamente as cartilhas jurídicas*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. 8. ed. Campinas - São Paulo: Pontes, 2009.

TEZZA, C. *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

VOLOSHINOV, V. N. *A estrutura do enunciado*. Paris, Seuil, 1976.

XAVIER, M. M.; FRANCELINO, P. F. “Forbes destaca pastores mais ricos do Brasil”: réplicas a enunciados concretos. In: *Revista Letras Raras*. Vol. 4, Nº1. Campina Grande – PB, 2014.